

## Leonardo Boff\*

## Não tememos a noite sombria de nosso tempo porque amamos as estrelas

São muitos atualmente que perderam a esperança de que, no quadro atual sinistro, tenhamos ainda algum futuro. Há demasiada maldade, genocídio a céu aberto e vergonhosamente feito por aqueles que o praticam, Israel e os Estados Unidos da América, ainda escandalosamente apoiados por alguns países europeus, nomeadamente pela Alemanha, esquecida do holocausto nazista.

Assistimos, estarecidos, uma grande nação, aquela que dispõe de mais meios de destruição em massa e até de aniquilação da vida sobre a Terra, a Rússia, arasar uma nação vizinha com grandes tradições culturais e os famosos e sábios contos rabínicos, a Ucrânia. Terrível está sendo a guerra dos USA e Israel contra o Irã, destruído uma das civilizações mais antigas, com uma ferocidade que não escolhe seus alvos, tudo é atacado, incluindo escolas de meninas.

Acresce ainda a absurda acumulação de fortunas em pouquíssimas mãos, pois, 8 pessoas, possuem individualmente, a riqueza equivalente ao que possuem 4,7 bilhões de pessoas. Nestes não se nota nenhuma sensibilidade humana face a seus semelhantes, tratando-os como zeros econômicos, descartáveis e considerados sub-humanos: os milhões que vivem nas periferias das grandes cidades do Norte Global (só nos EUA vivem 30 milhões de pobres) e enchem, aos milhões, as metrópoles do Sul Global.

Abstenho-me de referir à grave ameaça da Sobrecarga da Terra, com severos limites da produção de bens e serviços que sustentam a vida (precisamos hoje já de 1,7 Terras). Nem mesmo do crescente aquecimento global do planeta Terra que se até 2030-2035 não for detido no máximo de crescimento de 1,5°C, com referência à era industrial (1850-1900) causará uma inexorável dizimação de vidas na natureza e na humanidade.

Como ainda ter esperança num drama destas proporções? Entendemos as preocupações de analistas do curso do mundo que dizem: não é impossível que tenha chegado a nossa vez de desaparecer do processo da evolução, como centenas e centenas de espécies já desapareceram, depois de milhões de anos sobre a Terra.

Por isso sou pessimista porque a realidade é péssima. No entanto, me declaro um pessimista esperançoso. Esperançoso porque se somos Terra que sente, pensa, ama e venera, temos a resiliência que a Terra mostrou nas 15 dizimações de vidas que sofreu ao longo de sua história de 4,5 bilhões de anos. A vida nunca sucumbiu. Depois de cada dizimação, atestam vários historiadores da vida Terra como Christian de Duve (Poeira cósmica: a vida como imperativo cósmico, 1995) ela, como que se vingando, produziu uma biodiversidade maior do que aquela que foi ceifada.

Como dizia o poeta alemão Friedrich Hölderlin "lá onde há perigo, cresce também o que salva" (wo

aber Gefahr ist, wächst auch das Rettende). O nosso perigo é inegável. Mas considerando que o ser humano é um projeto infinito, dotado de mil virtualidades, ele saberá face ao grande perigo forjar chances de salvação.

Sabidamente a história da vida não é linear. Ela dá saltos. O improvável pode se fazer provável. E o inesperado pode acontecer. Era seguramente improvável que um negro, Barack Obama, dada a discriminação que sempre sofreu pelos supremacistas brancos, chegasse à Presidência dos EUA. E chegou. Quem poderia imaginar que, numa sociedade machista como a brasileira, uma mulher se tornasse Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff? E chegou.

Tenho a convicção que animava o paleontólogo e místico Pierre Teilhard de Chardin de que a humanidade, num momento grave de sua história, especialmente sabendo que poderá se autodestruir, cairia em si e se daria conta de seu lugar no conjunto dos seres e de sua responsabilidade pelo futuro da vida. Daria um salto quântico em sua consciência e definiria um outro rumo à sua história. Faria-se a guardiã e a cuidadora da sagrada herança que herdou, a Terra e de todos os seus ecossistemas com os seres que neles habitam. Perceberia que é parte e parcela da natureza, confraternizada com os demais irmãos e irmãs nela presentes. Amaria e ornaria a Casa Comum na qual todos caberiam com suas diferenças mas numa profunda unidade.

Isso está dentro das possibilidades humanas. Somos seres naturalmente de cooperação e de sensibilidade face aos mais vulneráveis. Em nosso profundo, como dado objetivo, atestado pela new science somos seres espirituais, capazes de identificar aquela Energia de Fundo (Aquele Ser que faz ser todos os seres) que tudo penetra e sustenta. James Watson comprovou que em nosso DNA está o amor, a força maior do universo (DNA: o segredo da vida, 2005). Com todas estas positivities vamos ainda fazer uma dolorosa travessia até chegarmos a uma forma amorosa e fraterna de convivência.

Não estamos diante de uma tragédia anunciada, mas no coração de uma crise de nossos fundamentos que vai nos acrisolar, purificar e permitir dar um salto, habitando um mundo que juntos podemos fazê-lo existir sustentavelmente. Depende de nós impedirmos que as atuais crises virem tragédias.

Por isso, não tememos a noite sombria de nosso tempo porque amamos as estrelas, nossas irmãs. Esperamos a aurora que se anuncia.

\*Leonardo Boff escreve para a revista **LIBERTA do ICL** (<https://www.revistaliberta.com.br>); escreveu também **O doloroso parto da Mãe Terra, Vozes 2021** (<https://www.leonardoboff.org>)

## EDITORIAL

## Os efeitos da guerra para a economia global

A escalada dos conflitos no Oriente Médio volta a lançar sombras sobre a já fragilizada economia global. Em um momento em que o mundo ainda tenta consolidar a recuperação pós-pandemia e lidar com os efeitos prolongados de crises inflacionárias, o anúncio recente do Fundo Monetário Internacional (FMI) de redução da projeção de crescimento global para este ano acende um alerta inequívoco: a instabilidade geopolítica continua sendo um dos principais entraves ao desenvolvimento econômico sustentável.

O Oriente Médio ocupa posição estratégica no fornecimento de energia, especialmente petróleo e gás. Qualquer tensão na região repercute quase imediatamente nos preços internacionais dessas commodities. O aumento do custo da energia encarece cadeias produtivas inteiras, pressiona a inflação e reduz o poder de compra das populações. Como consequência, bancos centrais tendem a manter políticas monetárias restritivas por mais tempo, dificultando o crédito e inibindo investimentos.

Além disso, a insegurança geopolítica afeta a confiança dos mercados. Investidores tornam-se mais cautelosos, redirecionando recursos para ativos considerados mais seguros, o que prejudica economias emergentes e desacelera projetos de expansão industrial e tecnológica. O comércio internacional também sofre, seja pela elevação dos custos logísticos, seja por eventuais interrupções em rotas estratégicas.

O impacto não se limita às grandes potências. Países em desenvolvimento, especialmente os importadores líquidos de energia, sentem de forma mais aguda os efeitos desse cenário. Com menos margem fiscal e maior vulnerabilidade externa, essas nações enfrentam desafios adicionais para equilibrar suas contas públicas e manter políticas sociais essenciais.

A revisão para baixo das expectativas de crescimento pelo FMI não é apenas um ajuste técnico, mas um reflexo de um ambiente global cada vez mais complexo e imprevisível. Ela evidencia a interdependência das economias e a forma como conflitos regionais podem gerar consequências sistêmicas.

Diante desse quadro, torna-se urgente reforçar mecanismos de cooperação internacional e buscar soluções diplomáticas para os conflitos. A estabilidade política não é apenas uma questão regional, mas um requisito fundamental para a prosperidade global. Ignorar essa realidade significa aceitar um ciclo contínuo de incertezas, com custos elevados para todos.

Mais do que nunca, o mundo precisa compreender que a paz não é apenas um ideal moral, mas um ativo econômico indispensável.

## Opinião do leitor

## Apoio

Papa Leão XIV reage e diz que "não tem medo" de Trump: "Vou seguir firme contra a guerra, há um caminho melhor". Meu total apoio ao Papa, ainda que tão pequeno. A paz é possível...

José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal

## O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



## HÁ 95 ANOS: GOVERNO PROVISÓRIO PROPÕE REFORMAS NO ENSINO SUPERIOR

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de abril de 1931 foram: Partido Republicano triunfa nas eleições espanholas. Vinte e um países celebram o Dia da América, cuja iniciativa cabe ao Bra-

sil. Segundo notícias vindas de Nova York, revoltosos foram derrotados na Venezuela. Governo institui o Conselho Nacional de Educação e cria a Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

## HÁ 75 ANOS: SÃO PAULO PODE RECEBER UMA REFINARIA DE PETRÓLEO

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de abril de 1951 foram: Trumam tira MacArthur do comando das tropas Aliadas na Coreia e nomeia o general Ridway o novo comandante. Cinha au-

menta o efetivo para conter o avanço ocidental na Coreia. São Paulo pode receber uma refinaria de petróleo. Acidente entre trens em Santa Cruz deixa vários feridos. Morro do Castelo pode ser demolido.

## Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.